

# ROUSSEAU, SÊNECA E A CONTRUÇÃO DA LIBERDADE INDIVIDUAL

Arlei de Espíndola<sup>1</sup>

## Resumo

*O artigo trata da construção da liberdade de Emílio a partir do recorte de alguns princípios que formam as bases da filosofia moral de Rousseau e também busca relacionar esses mesmos princípios com as idéias de Sêneca a fim de mostrar que o autor genebrino, apesar de ser original, mantém um débito para com esse filósofo da Antigüidade.*

**Palavras-Chave:** Rousseau; Sêneca; filosofia moral; liberdade; razão; paixões.

O *Émile ou de l'éducation*, livro tanto amplo como rico e profundo, sendo passível de ser julgado o mais importante de Rousseau, requer empenho de seu leitor se quiser alcançar seu verdadeiro sentido e alcance. Certo de sua grandeza, almejo reconstruir, neste trabalho, somente alguns de seus preceitos-chave, que norteiam a construção da liberdade individual, e identificar o nexos que esses mantêm com o pensamento de Sêneca. Com esse exercício, que visará ser introdutório, terei condições de mostrar que o filósofo genebrino, embora tenha trazido contribuições inovadoras, beneficiou-se de suas leituras dos textos do pensador romano.

Rousseau inicia seu percurso, na intenção de desenvolver seu projeto naquele que acredita ser seu “grande tratado”, recorrendo ao artifício de uma experiência imaginária de educação ao buscar conhecer o homem em sua realidade essencial. O emprego desse artifício, do qual Sêneca não cogitou fazer uso no mundo antigo, consiste em supor, de um lado, a existência de um aluno simbólico, o qual chama de Emílio, e tornar presente, de outro lado, a figura

---

<sup>1</sup> Arlei de Espíndola. Doutor em Filosofia pela Unicamp. Professor do Colegiado de Filosofia da Unioeste/ Campus de Toledo - Rua da Faculdade, 645 Jardim La Salle, Toledo/PR – CEP 85903-000 – Tel. OXX45-3379-7000 – E-mail: earlei@sercomtel.com.br

paradigmática que trabalhará em seu processo de formação moral. Esse aluno, cuja vida se deve a engenhosidade do filósofo, precisará ficar sob a tutela de seu mestre, a quem prefere chamar de governante já que sua tarefa reside mais em conduzir do que em dar lições teóricas<sup>2</sup>, a partir do momento em que é concebido, teoricamente, pela sua genitora e manter-se nessa condição até chegar na idade adulta: “dais um governante a vosso filho já formado; eu quero que tenha um antes de nascer”(Rousseau, 1969, p.266).

Para aplicar seu aludido método de educação, valendo-se do princípio de dizer aos homens práticos o que há de melhor a fazer, Rousseau reivindica na verdade, como condição essencial, que o governante adquira todos os direitos sobre Emílio até que o resultado que pretende atingir seja de fato alcançado. Pensando em fornecer uma garantia para o estabelecimento dessa vinculação, que haverá de viabilizar o êxito na tarefa, o filósofo sugere que ambos selem um pacto de associação com o qual se proponham, enquanto for necessário, a andar ininterruptamente um na companhia do outro: “eu desejaria mesmo que aluno e governante se encarassem a tal ponto como inseparáveis que o destino de seus dias sempre fosse por eles olhado como um objeto comum [...]. Quando eles se vêem como devendo passar a vida juntos, importa-lhes fazerem-se amar mutuamente e por isso mesmo se tornam caros um a outro”(Rousseau, 1969, p.267-268). Essa medida permite esperar-se um resultado positivo, com o surgimento de uma pessoa constituída de acordo com a natureza em sua dimensão corporal, bem estruturada na esfera de sua moralidade e seu psiquismo, e pronta para conquistar e exercer naturalmente sua autonomia.

Rousseau julga ser fundamental, igualmente a Sêneca, o indivíduo que precisa trabalhar para fugir da imaturidade, para crescer espiritualmente, e encontrar o caminho de se tornar concretamente livre, ter próximo de si o modelo do homem exemplar que atingiu ou se acha perto de atingir a sabedoria. Mesmo que não estejamos prontos para reconhecer essa verdade, temos necessidade de receber assistência e de contar com o apoio alheio no início da vida quando nossas forças ainda são limitadas, sob pena de sucumbirmos: “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos

---

<sup>2</sup> “Eu chamo governante, de preferência a preceptor, o mestre dessa ciência [ciência dos deveres do homem] porque se trata menos para ele de instruir que de conduzir” (Rousseau, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation. Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Gallimard, 1969, v. IV, p.266).

desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência”(Rousseau, 1969, p.247).<sup>3</sup>

Quando o governante assume, com toda a discrição que lhe seja possível, o papel de autoridade diante do aluno imaginário, ele não é um sujeito alheio aos ditames da natureza. É por levar em conta a existência das leis naturais que chegou a um patamar avançado no plano da humanidade. A tarefa que lhe compete ao ter sob custódia seu aluno imaginário reside em acompanhar a marcha dos progressos humanos, em sentido geral, buscando favorecer as prescrições da sabedoria eterna: “a educação começa com a vida, ao nascer, a criança já é discípulo, não do governante e sim da natureza. O governante não faz senão estudar, orientado por esse primeiro mestre, e impedir que seus cuidados sejam contrariados”(Rousseau, 1969, p.279).

Rousseau ao colocar o governante nessa posição elevada, pela qual, como tutor de seu educando, assume o compromisso de conduzi-lo à formação ideal, subordinando-se aos imperativos da natureza, dá forma a uma doutrina que toma como referência o princípio dos antigos estóicos, assumido por Sêneca no mundo romano, de que devemos “viver em conformidade com a natureza”.<sup>4</sup> Esse procedimento, tanto para os antigos como também para Rousseau, representa uma mostra de sabedoria, na medida em que é adotado pelo homem, e garante a perspectiva a quem se coloca como protagonista de encontrar a tão esperada felicidade.<sup>5</sup>

Rousseau relaciona a natureza primeiramente aos sentimentos, aos dados imediatos fornecidos pela consciência<sup>6</sup>, e segui-la, para ele, significa atender aos anseios dessa sua dimensão do espírito.

<sup>3</sup> “É útil, sem dúvida, termos acima de nós um mestre, alguém cuja aprovação procuremos, alguém que, por assim dizer, participe dos nossos pensamentos. De longe mais importante será viver como se estivéssemos sempre perante o olhar de algum homem de bem; eu já me darei por satisfeito se tu agires sempre como se estivesses a ser observado, uma vez que a solidão é conselheira de todos os vícios. Quando tiveres progredido a ponto de teres o maior respeito por ti próprio, então poderás dispensar o pedagogo”(Sêneca. *Epistulae morale ad Lucilium (Cartas a Lucílio)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p.97).

<sup>4</sup> “Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica”(Rousseau, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation*, p.259).

<sup>5</sup> “Costumamos dizer que o maior bem é viver segundo a natureza”(Sêneca. *De otio (Sobre o ócio)*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p.85). “Saibas que sigo a natureza: é sábio não se distanciar dela e obedecer a seu exemplo e lei. A vida feliz é, pois, aquela adequada à natureza”(Sêneca. *De vita beata (A vida feliz)*. Campinas: Pontes, 1991, p.27).

<sup>6</sup> “Deixei, pois, de lado a razão, e consultei a natureza, isto é, o sentimento interior, que dirige a minha crença, independentemente de minha razão”(Rousseau, Jean Jacques. *Lettres à Jacob Vernes*. In.: *Lettres philosophiques*, ed. Henri Gouhier. Paris: Vrin, 1974, p.54).

Embora compreenda essa noção desta maneira, que se diferencia relativamente da forma como a concebem Sêneca e os demais estóicos, visto que estes a associam à razão, Rousseau assume o preceito por eles enunciado porque acredita que há uma ordem preestabelecida no universo que garante o lugar e o fundamento de cada coisa no mundo.

## I

Iniciando o processo educativo que visa tornar seu discípulo apto a exercer plenamente sua liberdade, o governante, apesar de saber que este se encontra abaixo da esfera da moralidade, deve considerar prioritária a formação moral, e não a intelectual. A familiaridade que se precisa alcançar é, antes de tudo, com aquilo que coaduna com deveres para o homem, e não com a gama de saberes vãos e abstratos, valorizada pela educação tradicional: “há somente uma ciência a ensinar às crianças: é a dos deveres do homem”(Rousseau, 1969, p.266).

Rousseau e Sêneca entendem que a vida em sociedade é que ocasiona a corrupção humana e por esse motivo a educação ideal deve estar voltada, inicialmente, para impedir que os vícios se proliferem. O educador, antes de se preocupar em transmitir conhecimentos, tem de adotar uma conduta de caráter negativo que consistirá em fechar as portas de entrada dos costumes indesejáveis no coração do homem. É bem mais cômodo barrar estes antes de ganharem forma em nosso íntimo do que neutralizá-los após terem aí penetrado. Conforme o pensador estóico:

todos os defeitos, por diminutos que sejam, têm tendência a aumentar; tudo quanto é nocivo ignora a justa medida; embora leves, a princípio, as forças da doença vão-se insinuando em nós, até que um ligeiro acréscimo do mal abate os nossos corpos minados [...]; é mais fácil manter os vícios à distância do que refreá-los depois de introduzidos em nós (Sêneca, 1991, p.387).

Artifício eficaz, segundo Rousseau, para alcançar essa meta, e também tornar o indivíduo apto a manter-se integrado consigo mesmo ao se inserir num ambiente inóspito e cheio de turbulência, é adiar, o quanto seja possível, sua entrada na sociedade: “quantas precauções são necessárias com um jovem de boa estirpe antes de

expô-lo aos costumes do século! Tais precauções são penosas, mas indispensáveis; é a negligência quanto a isto que perde toda a juventude”(Rousseau, 1969, p.665).<sup>7</sup>

Rousseau mantém, de outro lado, que é preciso se aceitar a idéia de perder-se tempo no começo do processo de formação pois os bons frutos não nascem precocemente. Aquilo que representa de fato um mal é se disseminar conhecimentos duvidosos, falhos e inautênticos, uma vez que estes servem de estímulo à corrupção da alma humana: “dixeis que conheceis o valor do tempo e não quereis perdê-lo. Não vedes que é perdê-lo muito mais empregando-o mal do que nada fazendo, e que uma criança mal instruída se encontra mais longe da sabedoria do que aquela que não recebeu nenhuma instrução?”(Rousseau, 1969, p.343)

Há uma formação ideal, projetada por Rousseau, cuja base está numa boa constituição do indivíduo que se revela pelo seu vigor físico e mental, pela sua saúde, e pela mostra de que tem verdadeira coragem. Para Emílio alcançar essa condição já não se pode querer moldá-lo pela conduta pacífica que caracteriza a educação negativa, mas é preciso levá-lo, já na infância, a conviver com situações difíceis, a passar por contratempos, a deparar-se com adversidades. É muito pedagógico que, nos primeiros anos de vida, ele conheça obstáculos, que seja exposto à rudeza das estações, que encontre a oportunidade de sentir-se fatigado, que ignore qualquer espécie de conforto, que não conviva, enfim, com a vida de luxo: “é nessa idade que se têm as primeiras lições de coragem e que, experimentando sem pavor dores ligeiras, se aprende gradualmente a suportar as grandes [...]. Sofrer é a primeira coisa que deve aprender e a que terá mais de saber”(Rousseau, 1969, p.300).<sup>8</sup>

Fechando esse ponto, podemos dizer que tal atitude permite-nos esperar que o jovem alcance vigor físico, conquiste ou conserve sua saúde natural, e possa dispensar o auxílio de uma arte tão indesejável, para Rousseau, como o é a medicina visto que ela destrói a coragem dos cidadãos e ainda introduz no seu coração o medo da

---

<sup>7</sup> “Há que subtrair à influência do vulgo o ânimo fraco e pouco firme na virtude”(Sêneca. *Cartas a Lucílio*, p.16).

<sup>8</sup> Sêneca cultiva essa mesma idéia e destaca o valor da adversidade para o homem: “apenas podemos confiar na nossa força quando aqui e ali deparamos com várias dificuldades, sobretudo quando uma vez por outra nos atingem muito de perto. É assim que se vê até onde chega a verdadeira coragem, aquela que nunca abdicará do seu livre arbítrio; tal situação é a verdadeira pedra de toque de nosso ânimo”(Sêneca. *Cartas a Lucílio*, p.39).

morte.<sup>9</sup> Além desses ganhos, tal procedimento, ao contrário da educação negativa, faz brotar a esperança e a certeza de que Emílio anda pelo caminho que o levará a possuir, no momento certo, também uma alma viril.

## II

Entramos agora numa nova etapa do desenvolvimento humano, a qual se situa entre a infância e a adolescência. Trata-se, para Rousseau, de uma passagem rápida em que o indivíduo, contando entre 12 e 15 anos de idade, chega a um estado de superabundância de forças e torna-se forte relativamente, podendo mais do que desejar.<sup>10</sup> Esse intervalo da vida humana deve ser bem aproveitado, pois a criança deixa de ser turbulenta, passa a manifestar curiosidades, e almeja expandir-se para fora de si mesma. Ocorre, portanto, que já não é mais só o corpo que busca desenvolver-se, mas o espírito individual que procura se instruir.

Rousseau mantém que o governante, sem permitir que seu aluno suspeite de que é uma autoridade diante dele<sup>11</sup>, deve coordenar seus passos em seus esforços iniciais realizados na intenção de produzir conhecimentos. Com efeito, não há sentido em se ter, presentemente, a preocupação de tornar a criança sábia ou conduzi-la a conhecer muitas coisas. O conveniente é levá-la a atentar, em sua vida prática, para o que possui utilidade em termos imediatos.<sup>12</sup> Considerando-se que o que se espera é vê-la atingir a sabedoria ao chegar em sua fase adulta, importa alimentar-lhe a inclinação para

<sup>9</sup> “Querei encontrar homens de verdadeira coragem? Procurai-os nos lugares onde não há médicos, onde se ignoram as conseqüências das doenças, onde não se pensa na morte. O homem sabe naturalmente sofrer com firmeza e morrer em paz”(Rousseau, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation*, p.270).

<sup>10</sup> “Embora, até a adolescência, todo o curso da vida seja um tempo de fraqueza, há um momento na duração dessa primeira idade, em que o progresso das forças, tendo ultrapassado o das necessidades, o animal em crescimento, ainda absolutamente fraco, torna-se forte relativamente”(Rousseau, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation*, p.426).

<sup>11</sup> “Tratai vosso aluno segundo a idade. Colocai-o antes de tudo em seu lugar e que neste o conserveis de modo que não possa sair dele (...). Não lhe ordeneis nunca nada, absolutamente nada. Não lhe deixeis sequer imaginar que pretendeis ter alguma autoridade sobre ele (...); que sinta desde cedo sobre sua cabeça altiva o jugo que a natureza impõe ao homem, o pesado jugo da necessidade, ao qual deve dobrar-se todo ser feito; que veja essa necessidade nas coisas, nunca no capricho dos homens; que o freio que o segure seja a força e não a autoridade”(Rousseau, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation*, p.320).

<sup>12</sup> “Não se trata de saber o que é, e sim, somente, o que é útil”(Rousseau, Jean Jacques. *Émile ou de l'éducation*, p.428).

amar a ciência e fornecer-lhe o método para aprendê-la quando for o momento recomendado:

a idade serena da inteligência é tão curta, passa tão rapidamente, tem tantas utilizações necessárias, que seria loucura querer que baste para tornar sábia uma criança. Não se trata de ensinar-lhe as ciências e sim de dar-lhe inclinação para as amar e método para as aprender, quando a inclinação se tiver desenvolvido bastante. Eis certamente um princípio fundamental de uma boa educação (Rousseau, 1969, p.436).

Para Rousseau, como a criança desconhece o universo intelectual, não possui capacidade de entender assuntos abstratos, sua relação precisa reduzir-se ao contato com o mundo físico e ao campo das coisas concretas. O governante, que tem o desafio de despertar seu interesse pelo saber, utilizando-se do recurso de tocá-lo o coração, deve possuir consciência plena dessa sua limitação espiritual e não forçá-la a sair arbitrariamente de seu lugar.

a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas; a infância tem o seu na ordem da vida humana; é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Assinalar a cada um seu lugar e nele fixá-lo, ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar. O resto depende de causas estranhas a nós e que não estão em nosso poder (Rousseau, 1969, p.303).

Considerando a condição atual do educando, convém possibilitar-lhe conduzir-se pelo campo da experiência, levando-o a aprender com as coisas mesmas e não com os artifícios que representam discursos e livros. Ao governante compete falar, sempre que possível, apontando para os objetos, eximindo-se, pois, da prática dos sermões ou de recorrer, desnecessariamente, ao uso de sinais convencionais: “em geral, não deveis nunca substituir a coisa pelo sinal, a menos que nos seja impossível mostrá-la, porque o sinal absorve a atenção da criança e a leva a esquecer a coisa representada”(Rousseau, 1969, p.434).

Rousseau, com efeito, pensa ser um equívoco efetuar-se a comparação de uma criança com a outra, mas considera útil ela buscar superar-se a si mesma, colocando-se em todo momento como sua própria rival. Negativo é que venha, no decurso da vida, tornar-se

vaidosa, passando a julgar-se melhor que as outras, reprovável é que se assuma como vítima e tenha uma conduta tirânica frente aos outros, principalmente os adultos, querendo fazer prevalecer permanentemente sua vontade:

cumpre acostumá-la desde cedo a não comandar nem nos homens, por não ser senhor deles, nem nas coisas que não a entendem [...]. Não há loucura de que não se possa curar um homem que não é louco, à exceção da vaidade; esta, nada, senão a experiência corrige, se é que alguma coisa a pode corrigir; pode-se contudo impedi-la de crescer, atacando-a desde cedo (Rousseau, 1969, p.287-288 e 537).

Sêneca também considera digno de censura o indivíduo tornar-se voluntarioso e marcado pela traço urbano da vaidade, achando que o mundo todo deve se curvar diante de seus imperativos e satisfazer completamente suas vontades. É preciso impedir a criança de proceder de um modo tal que possibilite brotar esse vício em seu íntimo, impondo-lhe limites. O filósofo estoíco conserva a opinião de que “quanto mais se consente aos filhos únicos e se permite aos órfãos, mais corrompido é seu espírito”(Sêneca, 1986, p.92). Procurando-se agir com rigor, e não curvando-se aos apelos da criança, permite-se ingressar na sociedade um indivíduo que se põe em seu lugar e renuncia de tornar-se autoritário e vaidoso.<sup>13</sup>

Com efeito, Emílio percebe, devido ao aumento tanto de suas relações como de suas necessidades, uma ampliação em seu interesse de saber o porquê das coisas. Rousseau entende que cabe ao governante, por ora, trabalhar visando dotá-lo de uma boa capacidade de julgar os fenômenos do mundo que lhe atingem, ao invés de conceder-lhe saberes abstratos, sem qualquer serventia. O caminho que Rousseau sugere se seguir para chegar-se a essa meta é o mesmo que Sêneca<sup>14</sup> nos aponta, e ele consiste em orientar o aluno a aprender a digerir as informações que absorve de suas experiências.

---

<sup>13</sup> “Nada por meio da cólera conceda-lhe: o que, chorando, lhe há sido negado, tranqüilizado, dá-se-lhe”(Sêneca. *De ira (De la cólera)*. Madrid: Alianza Editorial, 1986, p.92).

<sup>14</sup> “Um processo idêntico àquele que nós vemos a natureza operar no nosso corpo sem a mínima interferência da nossa parte (os alimentos que consumimos, enquanto se conservam inteiros e flutuam sólidos no estômago são para este um peso; mas quando se transformam, logo são assimilados e se tornam músculos e sangue), um processo idêntico, dizia eu, devemos operar nos alimentos da inteligência, sem permitir que as idéias recebidas se conservem tal qual, como corpos estranhos. Assimilemo-las; se assim não for, elas podem perdurar na memória, mas não penetram na inteligência”(Sêneca. *Cartas a Lucílio*, p.381).

Pouco valor tem, em verdade, o jovem manter seu cabedal depositado em sua memória como se fosse um alimento parado em seu estômago. É necessário que o eleve até o nível do entendimento para poder dele se aproveitar realmente e também permitir que seja de fato personalizado. Emílio, apesar de não possuir muitos conhecimentos, alcança essa capacidade, e, sendo dotado de grande vigor de espírito, torna-se um sujeito sensato, aberto, inteligente, e pronto para incorporar a verdadeira sabedoria. “O espírito, tal qual o corpo, não carrega senão o que pode carregar. Quando o entendimento se apropria das coisas antes de depositá-lo na memória, o que delas tira a seguir é seu; ao passo que sobrecarregando a memória sem que o perceba, expõe-se a nada tirar delas que lhe seja próprio”(Rousseau, 1969, p.486-487).

### III

Rousseau afirma que até essa etapa de seu desenvolvimento o ser humano ficou preso ao mundo físico, possuiu apenas necessidades corporais, e manteve-se aquém do plano da verdadeira humanidade. Entretanto, como é feito para alcançar a plenitude de seus progressos, ele passa por algo que o filósofo chama de um “segundo nascimento”, o qual lhe permite sentir, de maneira incipiente, suas qualidades que o definem como um ser moral.

Ao tomar essa posição, o autor genebrino admite o abismo que há entre o mundo da infância e o prenúncio da fase adulta. Esse abismo foi reconhecido também por Sêneca na Antigüidade que notou a distância existente entre o indivíduo já maduro e a criança. Essa se encontra fixada, desde o começo de seu crescimento, na esfera da amoralidade, e ignora o significado do que seja o bem moral até o momento em que acontece o despertar de sua racionalidade:

vós atribuis à primeira infância o supremo bem [...] o que equivale a dizer que o recém-nascido já parte da situação a que chega o homem perfeito! Não será isto pôr a copa no lugar da raiz? [...]. No recém-nascido [...] não existe o bem porque ele carece ainda de razão. Somente quando aceder à razão acederá também ao bem (Sêneca, 1991, p.699-700).

Esse segundo nascimento de que fala Rousseau é identificado com a adolescência, e o jovem que se encontra nessa fase não passa

ainda de um ser sensível, dotado de sua inocência primitiva. Porém, como começa a inteirar-se efetivamente de tudo que é humano, e inicia sua caminhada em direção ao ponto máximo de seus progressos, apercebe-se que é não só um membro da espécie, mas alguém que pertence da mesma forma a um dos dois sexos:

nascemos, por assim dizer, em duas vezes: uma para existir, outra para vivermos; uma para a espécie, outra para o sexo [...]. Até a idade núbil, as crianças dos dois sexos nada têm de aparente que as distinga; mesmo rosto, mesmo porte, mesma tez, mesma voz, tudo é igual; as meninas são crianças, os meninos são crianças [...]. Os machos em que se impede o desenvolvimento ulterior do sexo conservam essa conformidade durante toda a sua vida; são sempre crianças grandes, e as fêmeas, não perdendo essa mesma conformidade, parecem, por muitos aspectos, nunca ser outra coisa (Rousseau, 1969, p.489).

Rousseau sustenta que o ingresso do ser humano nesse novo estágio de sua vida dá-se com o desabrochar das paixões, as quais, pelo curso normal das coisas, ganham forma lenta e gradativamente. Sendo um componente consolidado do psiquismo do homem, todavia, o levam a tornar-se indócil e resistente diante da conduta impositiva e controladora de seu governante. Malgrado pareça com tal argumento rejeitar as paixões, Rousseau reconhece todo o valor que estas conservam. Para o filósofo, as paixões são uma coisa da natureza e representa uma falta grave querer impedir que nasçam no coração humano. Elas significam, em seu entender, o conjunto de forças espirituais que permitem ao homem assegurar sua conservação e se constituem nas responsáveis pela edificação de toda a cultura:

nossas paixões são os principais instrumentos de nossa conservação: é portanto empresa tão vã quanto ridícula querer destruí-las; é controlar a natureza, é reformar a obra de Deus. Se Deus dissesse ao homem que aniquilasse as paixões que lhe dá, Deus quererá e não quererá; estaria em contradição consigo mesmo [...]. Eu acharia, quem quisesse impedir as paixões de nascerem, quase tão louco quanto quem as quisesse aniquilar. E os que pensassem tal fosse minha intenção até aqui, ter-me-iam certamente muito mal compreendido (Rousseau, 1969, p.490-491).

Sêneca, apesar de aceitar que há paixões naturais, se pronuncia negativamente acerca da presença das paixões na vida humana. Em seu julgamento, essas, quando encontram caminho aberto para se

expandir, conduzem os indivíduos a se desregrar e a cair em excessos que os levam à total perdição. Assim, para manter-se íntegro e orientado, é imperativo que o homem delegue as rédeas de sua vida unicamente às suas forças racionais. Quanto às paixões, elas não podem ter qualquer influência em sua vida e devem ser submetidas a um processo que vise neutralizá-las e suprimi-las por completo:

as paixões, essas, são impulsos da alma condenáveis, súbitos e intensos, os quais, se se tornarem freqüentes e não forem refreados, podem degenerar em doenças da alma: um pouco à maneira do catarro, que, se apenas momentâneo, ocasional, se limita a provocar tosse, mas se se tornar contínuo, crônico, degenera em tuberculose (Sêneca, 1991, p.308-309).

Rousseau, considerando as paixões imprescindíveis, adota uma estratégia oposta a que Sêneca assume que terá por tônica cobrar do governante que oriente seu discípulo no sentido de canalizar todas suas forças espirituais e direcioná-las para algo produtivo e elevado no plano humano. Com efeito, Rousseau julga, igualmente a Sêneca, que o “amor de si mesmo” constitui-se na única paixão que o homem possui desde o seu nascimento e que o acompanha durante toda sua vida. Entretanto, a ampliação das relações humanas, o olhar do indivíduo voltado para seus semelhantes na intenção de ser objeto de sua estima, o aumento, enfim, de seu volume de necessidades, faz esse amor, que é a fonte de todos os outros desejos e esperança dos homens, ser privado de sua disposição natural e se transformar em algo indesejável como é o amor-próprio.

meu Emílio, não tendo até agora olhado senão para si mesmo, o primeiro olhar que deita em seus semelhantes leva-o a comparar-se com eles; e o primeiro sentimento que essa comparação excita nele é o de desejar o primeiro lugar. Eis o momento em que o amor se transforma em amor-próprio e em que começam a nascer todas as paixões que se prendem a esta (Rousseau, 1969, p.523).

Rousseau não é um filósofo pessimista e revela possuir confiança nos cuidados que os homens podem ter e na arte que podem dar forma. Esses seriam dotados de condições de criar artifícios capazes de evitarem o surgimento dos vícios e de permitirem aos indivíduos se conduzir pelo caminho que os traria o bem moral. A primeira mostra, talvez, do otimismo do filósofo surge com a

indicação do fim a que o governante deve levar Emílio a conduzir o germe, identificado em sua interioridade, do amor-próprio. Ao invés de viver preocupado somente consigo mesmo, ao invés de exercitar seu egoísmo, Emílio precisa, para Rousseau, consagrar seus cuidados à felicidade dos outros, desenvolvendo o sentimento de bondade e de humanidade. Ao agir dessa maneira, ele abre possibilidades de ver brotar do germe do amor-próprio as mesmas paixões edificantes advindas do amor de si mesmo.

A inclinação natural da criança, segundo Rousseau, é para praticar atos de bondade, para agir inocentemente, mas o curso da vida gera mudanças que a fazem uma criatura má. Suas novas relações e necessidades seriam as responsáveis por essa metamorfose que se verifica em sua natureza. Tais mudanças não chegam a representar, no entanto, algo essencialmente negativo, pois reservam ao governante, ao contrário do que se poderia crer, espaço para evitar que se eternize reduzindo tudo a si mesma. Sua presença na vida desta, que aparece como sua subordinada, não é dispensável com as crescentes mudanças e os progressos que sofre. Como a criança vive o risco maior de se extraviar, as novas relações e necessidades que passa a ter fazem com que sua intervenção seja ainda mais necessária. Além do mais, o governante encontra uma fonte de estímulo no fato de saber que o educando pode ser levado a escolher o melhor caminho, afastando-se dos vícios:

podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens. É verdade que, não podendo viver sempre sós, dificilmente viverão sempre bons: essa dificuldade mesma aumentará necessariamente com suas relações; é e nisso, principalmente, que os perigos da sociedade nos tornam a arte e os cuidados mais indispensáveis para prevenir, no coração humano, a depravação que nasce de suas novas necessidades (Rousseau, 1969, p.493).

O germe das pequenas paixões nos jovens surge e se preserva, conforme Rousseau, unicamente graças aos interesses antinaturais que esses vêm estabelecer-se. O artifício de fazer despertar neles a preocupação com os outros, bem como o incentivo a gostarem e terem compreensão acerca do significado profundo de viver-se em sociedade, representa um meio para levá-los a abandonar tal disposição negativa. Com o cultivo desse artifício, podemos esperar que formem e consolidem sentimentos nobres e propensões sublimes.

## IV

Com efeito, em razão do longo aprendizado, Emílio evidencia consolidar-se em seu íntimo o poder de amar, de possuir afeições, e de ter preferências. Desde o instante em que começou a sentir seu ser moral, ele não conservou mais a condição de pessoa isolada e experimentou a necessidade de contar com uma companheira. Não obstante, Rousseau julga recomendável tomar-se a medida de se prolongar seu estado natural, marcado pela pureza de seus sentidos, pelo desconhecimento de seus desejos, e pela ignorância de seu próprio sexo. Para o filósofo, esse procedimento traz ao aluno, em primeiro lugar, a possibilidade de ele se fortalecer ainda mais fisicamente e aprender a controlar suas paixões, dando-lhe uma ordenação correta à medida que florescem em seu âmago. Rousseau, portanto, ao invés de propor que se aniquilem as paixões, como o faz Sêneca, revela desejar apenas que elas tenham seus progressos retardados:

quereis pôr ordem e regra nas paixões nascentes, ampliai o espaço durante o qual elas se desenvolvem, a fim de que tenham tempo de se ordenarem na medida em que nascem. Então não é mais o homem que as ordena, é a própria natureza; vossa tarefa consiste apenas em a deixar trabalhar (Rousseau, 1969, p.500).

Para Rousseau, a extensão da inocência de Emílio concede-lhe a chance, em segundo lugar, de tirar proveito de sua sensibilidade nascente e de depositar em seu íntimo as primeiras sementes da humanidade. O primeiro sentimento desfrutado pelo adolescente é o de amizade e não o de amor, e sua imaginação fixada na estaca zero mostra que possui semelhantes, sendo um partícipe da espécie, e não membro de um sexo determinado. Guiado pela natureza, nesse momento inicial, ele é conduzido a ter paixões ternas, desejos afetuosos, e caminha para ligar-se a seus iguais.

o primeiro sentimento de que é suscetível um jovem cuidadosamente educado não é o amor, é a amizade. O primeiro ato de sua imaginação nascente é ensinar-lhe que tem semelhantes, e a espécie afeta-o antes do sexo. Eis, portanto, mais uma vantagem da inocência prolongada: a de aproveitar-se da sensibilidade nascente para jogar no coração do adolescente as primeiras sementes da humanidade. Vantagem tanto mais preciosa quanto é o único

momento da vida em que os mesmos cuidados podem ter um êxito real (Rousseau, 1969, p.502).

Rousseau não vê a impetuosidade manifestada naturalmente pelo jovem, e nem sua tendência de possuir afeições, como um obstáculo para sua formação moral. Trata-se, para o filósofo, de fatores que o conduzem a estabelecer seu vínculo inicial com sua própria espécie. Ao governante cabe, em primeiro lugar, valer-se desses impulsos do aluno, tão temidos pela educação tradicional, para alcançar sua meta de retardar a saída dele de seu estado de inocência. Levando Emílio a tê-lo em boa conta, conduzindo-o a fazer seus sentidos controlarem sua imaginação, e sua razão nascente neutralizar a influência que decorre da opinião dos homens, ele deverá atingir seu primeiro grande objetivo.

Embora a imaginação precise ser controlada, ela é a faculdade responsável, no entender de Rousseau, pelo transporte do educando para fora de si mesmo. É desse movimento, que coloca Emílio em contato com o mundo, cujo móvel está na imaginação, que resulta a conquista de sua sensibilidade e ele passa, finalmente, a identificar-se com seus semelhantes, chegando ao plano da moralidade: “enquanto sua sensibilidade permanece limitada a seu indivíduo, não há nada moral em suas ações; é só quando ele começa a estender-se para fora dele que ele adquire sentimentos [...] e em seguida noções do bem e do mal que o fazem verdadeiramente homem e parte integrante de sua espécie”(Rousseau, 1969, p.501).

Rousseau mantém, por outro lado, que a fraqueza e a impotência sentida por Emílio o levam a deparar-se com o peso da solidão e lhe despertam o desejo de se unir aos outros. Sua situação de miserabilidade, portanto, é a pedra de toque para florescer em sua intimidade tanto a precisão quanto o interesse de sair de seu estado de isolamento: “é a fraqueza do homem que o torna sociável [...]. Todo apego é sinal de insuficiência: se nenhum de nós tivesse necessidade de outrem, não pensaria em unir-se a ninguém” (Rousseau, 1969, p.503).

Emílio, com efeito, experimenta o desabrochar do sentimento de piedade quando abandona sua solidão, e a convivência com seus semelhantes lhe permite exercitar sua capacidade de saber se pôr no lugar dos outros, de sentir suas tristezas e sofrimentos. Para

Rousseau, o governante deve alimentar essa paixão nascente do aluno e procurar conduzi-lo a ser ainda mais bondoso e humano. Mas o filósofo não julga recomendável que ele mostre o lado prazeroso e alegre do que se passa com os demais de sua espécie, pois desse procedimento emergem quase sempre sentimentos muito negativos, como o são, por exemplo, o ódio, o ciúme, e a inveja. O indicado mesmo é dar-lhe a oportunidade de observar o quadro de sofrimento que se vêem amarrado os outros e alertá-lo de que nada impede que esse mal venha concretamente lhe atingir: “dai-lhe os exemplos, sempre muito freqüentes, de pessoas que, de uma posição bem mais elevada que a dele, caíram abaixo da dos desgraçados [...]. Abalai, assustai sua imaginação com os perigos de que o homem anda sempre cercado”(Rousseau, 1969, p.508).

Sêneca partilha igualmente dessa idéia de que o homem deve compreender que o mal que acomete os outros pode também assaltá-lo. Desconsiderar isso, para o filósofo romano, significa viver na iminência de ser pego de surpresa, ficando impossibilitado de fugir dos conseqüentes danos: “se, ao assistirmos às inúmeras desgraças que cada dia caem sobre nosso próximo, pensarmos que elas podiam muito facilmente cair sobre nós, seremos pessoas armadas muito tempo antes do ataque”(Sêneca, 1988, p.208).

## V

Beneficiando-se dos movimentos de seu coração, os quais fazem erguer-se as vozes de sua consciência, e contando agora com o apoio de sua razão nascente, o indivíduo consolida efetivamente sua entrada na ordem moral: “acabamos de dar mais um passo de homem [...] dos primeiros movimentos do coração se erguem as primeiras vozes da consciência [...]; dos sentimentos de amor e de ódio nascem as primeiras noções do bem e do mal [...]; pela razão, independentemente da consciência, não se pode estabelecer nenhuma lei natural”(Rousseau, 1969, p.522-523).

Ao progredir de acordo com os ditames da natureza, Emílio descobre, no presente estágio de sua evolução, o significado de interessar-se em ser bom, de fazer-se justo, e ater-se em sua vida ao cumprimento de seus deveres. Assumir essa conduta representa, para Rousseau, garantir a conformidade com os reclamos do autor de seu ser, e ter chances de ser recompensado com a paz eterna e a tranqüilidade, coisa que justificaria os sacrifícios em geral experimentados nessa vida: “é doce esperar que não se viverá sempre

e que uma vida melhor acabará com as penas desta. Se nos oferecessem a imortalidade na terra, quem desejaria aceitar o triste presente?”(Rousseau, 1969, p.306). Colocando-se dessa forma, Rousseau afasta-se de Sêneca, pois este desconhece a idéia de salvação humana em outra vida. Essa é uma convicção do autor genebrino e de muitos de seus contemporâneos que se assumem como herdeiros do cristianismo e como teístas.

Rousseau entende que Emílio ao perder sua inocência primitiva corre o risco de se deixar levar pelo instinto cego de seus sentidos. Mas, considerando que ele se encontra em sua idade adulta, cabe-lhe dominar plenamente suas ações, e, aproveitando-se dos ensinamentos passados pelo governante, seguir os imperativos ditados pela sua razão. A propensão para o mal e o descaminho, na opinião de Rousseau, é algo controlável desde que esteja em seu início, e basta, para tanto, que o indivíduo utilize-se de sua vontade como forma de exercitar sua continência. No entender de Rousseau, a virtude, que se define como a força e o vigor da alma do ser humano, floresce com a possibilidade que esse possui de fazer sua vontade tornar-se triunfante: “é somente a mornidão de nossa vontade que faz nossa fraqueza e somos sempre fortes para fazer o que queremos fortemente”(Rousseau, 1969, p.651). Sêneca segue essa mesma linha de pensamento, admitindo a importância fundamental da vontade na vida moral dos indivíduos: “aquilo que pode fazer de ti um homem de bem existe dentro de ti. Para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade”(Sêneca, 1991, p.341). Segundo Rousseau, ao interferir no movimento da natureza o governante produziu o ganho de impedir que a imaginação de Emílio gerasse frutos precoces, acelerando seus avanços espirituais. Formado por princípios distintos daqueles que norteiam a educação tradicional, e sendo exercitado na arte de pensar, ele se torna bastante sensível, ao fim e ao cabo, aos assuntos de reflexão, não encontrando dificuldades para acompanhar as novas orientações de seu condutor:

Emílio, tendo sido educado com toda a liberdade dos jovens camponeses e dos jovens selvagens, deve mudar e parar como eles, ao crescer. Toda a diferença está em que [...] aprendeu a pensar. Trazido a esse ponto por tal caminho, acha-se inteiramente disposto para aquele em que o introduzo: os assuntos de reflexão que lhe apresento excitam sua curiosidade, porque são belos em si, são novos para ele e ele está em condições de compreendê-los (Rousseau, 1969, p.638).

Emílio, embora esteja cercado na sociedade pelo mal e pelos vícios que se proliferam em abundância, foi instruído, ao longo de sua formação, para saber resistir às imposições externas, para não se entregar aos ditames da opinião, e também não partilhar com os preconceitos. Em razão disso, ele se conserva inclinado para zelar pelos bons costumes, foge do risco de cair em excessos, e não tem admiração pela libertinagem. Agora, na etapa atual de seu desenvolvimento, além de carregar esses preceitos consigo, possui um espírito propício, expansivo, capaz de entender e interiorizar. Na opinião de Rousseau, o governante deve aproveitar a oportunidade, e mesmo sua condição ainda favorável, para levá-lo ao interesse pelo cumprimento de seus deveres, falando-lhe de coisas importantes, mostrando-lhe as leis da natureza, bem como o mal que resulta de transgredi-las.

Rousseau, distanciando-se de Sêneca e dos outros estóicos, reconhece, agora ao final de sua reflexão, o valor da castidade, da fidelidade, do casamento fundado na relação de amor e admite o papel da própria instituição da família como via para reorganizar a vida moral. O autor genebrino acredita que esse é o momento para se enaltecer todos estes valores, e mostrar que o sentimento de amor, por exemplo, não deve ser repudiado, como os estóicos pensam que precisa ser feito. Esses, sem entenderem que o sentimento está na base da conduta, temem que a razão perca seu lugar de força diretora dos indivíduos. Segundo Rousseau:

os que querem guiar com prudência a juventude para garanti-la contra as ciladas dos sentidos, procuram infundir-lhe o horror ao amor [...]. Não recearei lisonjear nele o doce sentimento de que se mostra ávido; pintá-lo-ei como a suprema felicidade da vida, porque o é em verdade; pintando-o quero que a ele se entregue; fazendo-o sentir que encanto a união dos corações acrescenta à atração dos sentidos, eu o desgostarei da libertinagem e o farei sábio tornado-o amoroso (Rousseau, 1969, p.653-654).<sup>15</sup>

Com o cultivo desses valores, Emílio abre finalmente a perspectiva, conforme Rousseau, de ver-se realizado, de sentir-se

---

<sup>15</sup> “Se é para cultivar razão, ele não deve permitir que as emoções – não apenas o medo, a inveja e a vingança, mas até mesmo o amor e a preocupação pelos seres amados – influenciem sua alma. Essa é a *apatia* estóica, que não significa indiferença, mas insensibilidade para perturbação” (Hadas, Moses. *The Stoic Philosophy of Seneca*. Nova York: Norton, 1968, p.24).

feliz na sociedade, mostrando-se íntegro e livre espiritualmente, embora seja modesto, discreto, franco, e não escape de se subordinar ao cumprimento de seus deveres.

O presente texto, baseado no recorte de alguns princípios do *Émile*, que sustentam o pensamento moral de Rousseau, passa uma idéia, mesmo que condensada, do teor do “primeiro remédio” que o filósofo utiliza para contornar os males que atingem o homem na vida social. No livro de Rousseau, enquanto ele não se defronta com o problema das paixões, reflete muito claramente seu nexos com os trabalhos de Sêneca e dos demais estóicos. Sêneca, resumidamente falando, segue o princípio de que a bondade é um atributo natural do homem, partilha a máxima de que há uma ordem preestabelecida no universo, e indica que cabe ao ser humano obedecer aos ditames da natureza para se manter no caminho que haverá de conduzi-lo ao bem moral em sua vida. O pensador estóico mantém, da mesma forma, que o indivíduo, para chegar à sabedoria, precisa consentir com a influência direta em seus passos de um homem que esteja mais avançado nesse percurso. Além do mais, julga essencial, no início do trabalho de formação, que o indivíduo passe por um processo que vise dar-lhe maior vigor físico, sendo este seguido por uma educação de caráter negativo. Esse seria o caminho, no entender de Sêneca, para o aluno se constituir, mais tarde, como um ser de alma viril. Até aqui, apesar da diferença metodológica, Sêneca expõe praticamente as mesmas idéias que Rousseau. O distanciamento começa a se estabelecer quando o pensador romano passa a tratar das paixões visto que ele não as vê como componentes da ordem da natureza, e revela o temor de que seu desenvolvimento conduza o indivíduo a desorientar-se moralmente. Para Rousseau, entretanto, o desafio está em o indivíduo direcionar adequadamente as paixões, pois essas, no seu ponto de vista, servem para preservar o homem e surgem como responsáveis pelo impulso inicial dado ao desenvolvimento e ao progresso de toda a cultura.

## ROUSSEAU, SENECA AND THE CONSTRUCTION OF THE INDIVIDUAL FREEDOM

### *Abstract*

*The article treats of the construction of Emílio's freedom starting from the cutting of some beginnings that form the bases of the Moral Philosophy of Rousseau and also search to relate those same beginnings with the ideas of Sêneca in order to show that the author genebrino, in spite of being original, maintains a debit to that philosopher of the Antique.*

**Key Words:** *Rousseau; Sêneca; moral philosophy; freedom; reason; passions.*

### **Referências**

HADAS, Moses. *The Stoic Philosophy of Seneca*. New York: Norton & Company Ltd, 1968.

NGUYEN, Vinh-De. "Du Discours sur l'inégalité à l'Émile; le parcours anthropologique de Rousseau". *Philosophiques*, Québec, Vol. XIII, n° 2, automne 1986.

PIRE, Georges. "De l'influence de Sénèque sur les théories pédagogiques de J.-J. Rousseau". *Annales de la Société J.-J. Rousseau*, XXXIII, 1953-1955.

ROCHE, Kennedy F. *Rousseau: Stoic & Romantic*. Londres: Methuen, 1974.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation*. Oeuvres Complètes. Paris: Éditions Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1969, T.IV.

\_\_\_\_\_. *Emílio ou da educação*. Trad. bras. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

\_\_\_\_\_. *Lettres philosophiques*, ed. Henri Gouhier, Paris: Vrin, 1974.

SÉNÉQUE. *Lettres a Lucilius*. Trad. française de Henri Noblot. Paris: Les Belles Lettres, 1993 a 1999, T I a T.V.

\_\_\_\_\_. *Cartas a Lucílio*. Trad. port. de J..A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

\_\_\_\_\_. *De la tranquillité de l'âme; De la vie heureuse; De la providence*. In: *Les Stoïciens*, ed. Pierre-Maxime Schuhl. Paris: Gallimard, 1962, Vol. II

\_\_\_\_\_. *Da tranqüilidade da alma*. Trad. bras. de Giulio Davide Leoni. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

\_\_\_\_\_. *Sobre a tranqüilidade da alma; Sobre o ócio*. Trad. bras. de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria (edição bilíngüe), 1994

\_\_\_\_\_. *A vida feliz*. Trad. bras. de André Bartholomeu. Campinas: Pontes, 1991.

\_\_\_\_\_. *De la colerá*. Trad. esp. de Enrique Otón Sobrino. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

**Recebido: 12/04/2006**

**Aprovado: 12/06/2006**

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.